

1

Narrativas fotográficas sobre ambiente e cultura

Inez Reptton Dias¹

Lucia de Fátima Estevinho Guido²

Resumo

O presente artigo busca compreender como as ideias sobre ambiente e cultura circulam pelo pensamento de estudantes e de pessoas reconhecidas por uma comunidade como conhecedores de plantas. Trabalhamos com a ideia de hibridação cultural apoiada teoricamente nos Estudos Culturais. A comunidade estudada situa-se em um distrito rural do município de Uberlândia, MG. Os dados foram coletados a partir de um registro fotográfico realizado por um grupo de 15 alunos na faixa etária de 12 a 15 anos da escola local. A orientação para tal registro foi responder, utilizando as imagens, a seguinte pergunta: O que é meio ambiente? As imagens registradas foram das árvores, das praças, das casas, dos terrenos vagos, das flores, dos quintais, das pessoas, dos caminhos. A maioria das explicações sobre as fotografias registradas estão vinculadas ao conhecimento escolar. Concluímos que as saídas fotográficas, além de propiciar o contato e o aprofundamento dos alunos com os recursos midiáticos e aproximá-los do local onde moram, também proporcionaram outros conhecimentos sobre o meio ambiente.

Palavras-chave: Fotografia. Educação ambiental. Hibridação cultural.

Abstract

This article discusses how ideas about the environment and culture are understood by students and persons recognized by a community as plants experts. We

- 1 Professora do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Goiás – Mestre em Educação. igreptton@yahoo.com.br. Grupo de Pesquisa Docência e Formação para o Ensino de Ciências. <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0015708V7HOY9J>
- 2 Professora do Instituto de Biologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia - Doutora em Educação. lestevinho@gmail.com. Grupo de Pesquisa Docência e Formação para o Ensino de Ciências. <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0015708V7HOY9J>

work with the idea of cultural hybridization theoretically supported on Cultural Studies. The community is located in a rural district of Uberlândia, MG. Data were collected from a photographic record held by a group of 15 students aged 12-15 years old of the local school. The guidance for this record was answering questions, and using the images to the following question: What is the environment? The images recorded were the ones of trees, parks, homes, vacant land, flowers, gardens, people, roads. Most explanations of the photos recorded are linked to school knowledge. We conclude that the photographic experience, besides providing contact and deepening knowledge of students with media resources and bringing them from where they live, also provided additional knowledge about the environment.

Keywords: Photography. Environmental education. Cultural hybridization.

O texto aqui apresentado é resultante de uma pesquisa de mestrado em Educação³, que investigou a valorização da cultura de uma comunidade rural, por meio de práticas de Educação Ambiental⁴. Buscou-se compreender de que maneira a relação homem-natureza está presente no modo de vida das culturas tradicionais. É necessário esclarecer que, ao propor a valorização da cultura dessa localidade, estamos atentas ao fato de que suas práticas culturais vêm sofrendo transformações consideráveis, também devido ao desenvolvimento geográfico e econômico.

Para pensar sobre a cultura popular trazemos para a discussão a ideia de hibridação cultural apoiada teoricamente nos Estudos Culturais. Nesse cenário, Hall discute as diferentes abordagens dadas à cultura popular. Chama nossa atenção uma definição atribuída pelo autor como a mais descritiva: “a cultura popular é todas essas coisas que o ‘povo’ fez ou faz”. [...] “A cultura, os valores, os costumes e a mentalidade do povo [...] seu modo característico de vida.” (2008, p. 239-240) [grifo do autor]. Definição muito comum em trabalhos de educação ambiental e tradição cultural ou populações tradicionais, pois como diz o autor ela “se aproxima de uma definição ‘antropológica’ do termo [...]”. Hall critica esta definição justamente por ser meramente descritiva, ficando difícil entender aquilo que “a cultura popular não é”, afirmando que mais do que uma lista de coisas que o povo faz ou deixa de fazer não atende justamente às tensões estabelecidas no campo do popular.

3 Dias, Inez Repton. **Hibridação cultural e educação ambiental**: memórias de uma comunidade rural de Uberlândia. 2012, 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

4 A pesquisa é parte do projeto “A mídia como elemento articulador entre o conhecimento popular sobre plantas e a educação ambiental de jovens e crianças”. Parte desta pesquisa foi publicada no livro **Ecologias Inventivas: conversas sobre educação** (2012, p. 133-146), no capítulo intitulado: “Causos do Cerrado”: a mídia revelando processos de hibridação cultural.

Desse modo, compreendemos o popular e o rural como construções culturais e consideramos neste trabalho a importância da mídia na divulgação das práticas culturais tanto nos espaços urbanos quanto nos espaços mais próximos do campo. A questão originária da pesquisa não foi valorizar a cultura popular da comunidade de maneira ingênua, conferindo-lhe uma compreensão limitada do conceito de meio ambiente; buscou-se investigar como as ideias sobre ambiente e cultura circulam pelo pensamento de estudantes da Escola Municipal do distrito e das pessoas reconhecidas pela comunidade como conhecedores de plantas. Neste texto, nos deteremos nos registros fotográficos realizados por um grupo de alunos da escola local, quando, durante uma saída fotográfica, eles deveriam responder, por meio das fotos, o que é o meio ambiente. Na pesquisa, houve a participação de um grupo de 15 alunos, na faixa etária de 12 a 15 anos, regularmente matriculados entre o 8º e o 9º ano do Ensino Fundamental.

As imagens registradas foram das árvores, das praças, das casas, dos terrenos vagos, das flores, dos quintais, das pessoas, dos caminhos que nos levam até lá ou que nos projetam para além das demarcações geográficas do local, dentre outros. Após o registro das fotos, os alunos escolheram algumas imagens e elaboraram legendas que revelassem o que foi capturado pela câmera fotográfica. Em seguida, cada um fez uma breve explicação sobre os motivos da escolha da paisagem ou do detalhe registrados. Mesmo com a legenda, a proposta da saída fotográfica baseada em Favero (2009) foi usar o mínimo possível de palavras, privilegiando o olhar e a percepção dos alunos.

Na análise das fotografias, a pesquisa buscou compreender as narrativas imagéticas nos domínios da cultura popular, uma vez que na relação dos indivíduos com o meio ambiente identificamos traços característicos dos costumes de um determinado grupo de pessoas. Nesse contexto, alargamos nosso entendimento sobre cultura popular, ancoradas nas palavras de Michel de Certeau, quando ele afirma que “não é possível prender no passado, nas zonas rurais ou nos primitivos, os modelos operatórios de uma cultura popular” (2003, p. 87). Ou seja, as práticas sociais de uma comunidade estão em constante renovação, tanto pelas influências externas recebidas quanto pela própria transformação do modo característico de vida das pessoas. Segundo o autor, a cultura “popular” não pode ser considerada um corpo estranho pela simples reprodução de uma determinada situação imposta aos vivos.

No entanto, em determinados contextos, existe uma distorção do que vem a ser a cultura popular. Para Canclini, isso ocorre porque considera-se como popular o que não é próprio da atualidade, ou os fatos associados ao “pré-moderno e ao subsidiário”. Assim, o patrimônio cul-

tural marca as diferenças entre grupos sociais e a hegemonia dos que se destacam na produção e distribuição dos bens, uma vez que esses setores dominantes “não apenas definem o que é superior e merece ser conservado, mas também detêm os meios econômicos e intelectuais necessários ao refinamento dos bens culturais.” (2008, p. 195)

Os costumes próprios de um determinado grupo social que esteja à margem dos grandes centros urbanos, por questões geográficas ou não, podem ser estereotipados como tradicionais, conferindo-lhes um caráter popular que tende a ser sobrepujado pela cultura moderna e o desenvolvimento tecnológico. Todavia, “o problema não se reduz a conservar e resgatar tradições supostamente inalteradas. Trata-se de perguntar como estão se transformando, como interagem com as forças da modernidade.” (CANCLINI, 2008, p. 216).

Em relação à tradição, Hall (2008) define-a como elemento vital da cultura. Para o autor, tradição não é uma simples persistência das velhas formas nem ao menos se apresenta fixa para sempre. Portanto, ao relacionarmos cultura e tradição, é possível pensarmos o processo histórico pelo qual a cultura se modifica e passa a não ser apenas mais um privilégio de algumas classes sociais. O autor apresenta uma definição “atual” sobre o estado de indeterminação do conceito de cultura. Primeiramente, assegura que cultura é a soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem suas experiências comuns, não tendo mais um sentido antigo da perfeição. Já sob o aspecto antropológico, cultura refere-se às práticas sociais, ou seja, a cultura pode ser compreendida mediante o estudo das relações entre elementos em um modo de vida abrangente e não apenas como a descrição dos costumes de um determinado povo.

É interessante observar as características da cultura popular de uma sociedade como produto de uma constante renovação e adaptação. Isso porque não podemos afirmar que a cultura está ou foi esquecida por uma comunidade e, tampouco, que ela renegue sua cultura tradicional em vista do que a tecnologia ou outras opções da modernidade lhe oferecem. Na análise das narrativas imagéticas apresentada neste texto, buscamos traços característicos do processo de hibridação cultural. Este processo, também denominado por alguns autores como hibridismo ou hibridização, considera as riquezas culturais presentes em diversas expressões sociais de uma comunidade, como na música, na arte, no modo de viver e de se relacionarem entre si, envolvendo tanto o que é reconhecido como tradicional quanto as questões presentes na atualidade.

A hibridização é compreendida por Canclini como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam

de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (2008, p. XIX). Este mesmo autor comenta que a expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridação cultural. Zona urbana e rural se articulam pela mídia eletrônica. Para Canclini, a questão não é voltar às denúncias que culpavam “a modernização da cultura massiva e cotidiana de ser um instrumento dos poderosos para explorar mais” (2008, p. 308). É preciso entender como o desenvolvimento tecnológico remodela a sociedade, reforçando os movimentos sociais ou contradizendo-os. No entanto, nem sempre a ressignificação das práticas sociais “contradiz as culturas tradicionais e as artes modernas”.

Momo (2010, p. 79) considera que os significados culturais são estabelecidos por meio de práticas sociais como a própria representação, ou seja, “as narrativas e imagens produzidas e veiculadas pela mídia possibilitam a formação de uma cultura comum, ajudam a tecer a vida cotidiana, modelam opiniões, formas de pensar, comportamentos e fornecem parâmetros para as pessoas, forjam suas identidades.” Para a autora, o que é veiculado na mídia domina a vida cotidiana das pessoas.

Portanto, uma vez que os significados culturais são estabelecidos por intermédio de práticas sociais e que essas práticas são atravessadas por artefatos midiáticos, possivelmente híbridos, como as festividades, o esporte, a religião, a música e a linguagem, pautamo-nos também nas considerações de Peter Burke que propõe as formas híbridas, as quais devem ser percebidas como o resultado de um único encontro, “quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos” (2010, p. 31).

Nesse contexto, quando as imagens fotográficas foram analisadas na pesquisa, destacamos a importância dos trabalhos de Salgado (2011) e Wunder (2008) que nos orientaram a olhar, a mexer, revirar as fotografias. Dentre os vários teóricos trabalhados pelas autoras vale destacar Barthes (1984), pela apreciável relação que este autor estabelece com a linguagem imagética. As fotografias, apresentadas na pesquisa, que nos possibilitaram a escrita do texto original deste artigo, foram produzidas como registro da compreensão do meio ambiente por um grupo de alunos de uma escola de zona rural. Porém, no transcorrer da pesquisa, não houve uma restrição na decodificação dos “conceitos elaborados” pelos alunos, mas um balizamento do que vem a ser naturalizado e até mesmo corriqueiro quando se pensa em representações sobre natureza e ambiente.

Muito mais do que uma atividade de educação ambiental, na saída fotográfica preparada a partir da pesquisa de Favero (2009), as imagens tornam-se dispositivos para se investigar a maneira como os

alunos percebem o distrito onde vivem. Neste sentido, entender que as fotografias podem ser pensadas como a junção entre o que será fotografado e a intenção de quem fotografa é apresentar “a fotografia como possibilidade inventiva para a EA não tanto por si própria, mas pelos efeitos que ela é capaz de surtir em cada pessoa” na medida em que “nos encontramos com as imagens” (SALGADO, 2011, p.79).

A autora complementa que as fotos produzidas ou observadas como uma atividade de educação ambiental “pode propiciar uma experiência estética onde o saber de diferentes sujeitos é compartilhado sem a necessidade de produzir um consenso, pelo contrário, deixando que as diferentes visões apareçam e ganhem voz.” (SALGADO, 2011, p.79). Assim, a educação ambiental apresentada na pesquisa não se apossou em discutir, tão somente, as questões ambientais e os registros fotográficos do distrito, mas em entender o significado das fotografias, extraindo as relações que os estudantes estabelecem com o meio ambiente, bem como aproximá-los da linguagem visual.

Nessa perspectiva, Krelling (2010, p. 107) escreve sobre as possibilidades de se repensar o mundo a partir da preservação ambiental. A autora averiguou, em sua pesquisa, as afinidades na “tessitura das relações entre humanos e o ambiente, entre humanos e não humanos”. Também foi importante a leitura de Wunder, quando ela aponta que a “conciliação entre conservação da natureza e garantia da vida digna” (2008, p. 37) perpassa a diversidade sociocultural. Ou seja, a concepção sobre meio ambiente bem como as questões relativas ao tema devem abarcar a diversidade cultural e histórica da humanidade.

Em outro trabalho, Wunder et al. apresentam-nos a necessidade de “desnaturalizar” alguns conceitos: “aquilo que nos parece natural são, de fato, culturais; feitas e dadas por nós mesmos” (2007, p. 68). Portanto, o meio ambiente não pode ser concebido como sinônimo de natureza; nem mesmo atribuir ao ser humano um lugar externo ou responsabilizá-lo por toda degradação ambiental. Em algumas situações, o discurso midiático propaga e legitima a ideia de que a natureza está sempre sujeita à ação humana depredatória, eliminando os aspectos históricos, sociais e culturais que deveriam impregnar as discussões ambientais.

Momo afirma que a mídia tem modificado os processos de produção, circulação e consumo de significados, compondo uma cultura distinta da cultura de outras épocas. Na contemporaneidade, os recursos midiáticos representam um dos principais produtores de significados reconhecidamente divulgados. A autora considera que os “significados culturais são estabelecidos através de práticas sociais” e complementa: “nas sociedades

ocidentais contemporâneas, a mídia tem sido uma das principais produtoras das representações que compartilhamos” (2010, p.79).

Nesse panorama, a saída fotográfica foi importante para pontuar a relação da mídia na discussão ambiental. No captura das imagens e na elaboração das legendas, os alunos foram acompanhados por um grupo de pesquisadores. Eles foram separados em pequenos grupos e percorreram as ruas do distrito rural no período de uma hora. Aleatoriamente, cada grupo se encaminhou para uma região do distrito. Talvez por esse motivo as paisagens fotografadas não se repetiram. Contudo, foi possível notar uma ênfase no enquadramento dos seres: árvores, animais e flores. Em relação às legendas produzidas, cada aluno escolheu uma de suas fotos para ser legendada e outra de um colega, também para legendar. Para conferir aos alunos a autoria de suas imagens e legendas, os sujeitos da pesquisa foram citados segundo uma lista de código, a fim de preservar suas identidades. Apresentamos a seguir algumas fotos escolhidas pelos alunos e outras selecionadas por nós, todas analisadas na pesquisa originária desse texto.

A fotografia como memória e expressão de um tempo

No contexto das pesquisas em educação, refletimos sobre a possibilidade de se utilizarem imagens no desenvolvimento de atividades de educação ambiental. Não obstante, percebemos dois pontos interessantes. O primeiro corrobora com Garcia a respeito das imagens que quase sempre ilustram algum texto. A autora evidencia o paralelo que se estabelece “entre o que se vê e o que é propriedade dos modos de validar o conhecimento na perspectiva moderna” (2005, p.41). Ela caracteriza a imagem como algo incontestável, que habilmente demarca “acordos naturalizados” que provocam o rompimento do “cânone do ver para crer”, justificado por questões culturais próprias do imaginário de quem olha para a imagem e para outras questões referentes ao conhecimento escolar.

O segundo ponto confere à imagem fotográfica a capacidade de suscitar as lembranças e vivências de um grupo de pessoas, sejam membros da mesma família, da mesma comunidade, ou frequentem a mesma escola. Lévi-Strauss (1994) assegura que a fotografia estabelece-se como memória da coletividade e serve de material de pesquisa. Nessa perspectiva, Bosi (2003) afirma que é um trabalho sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. A autora acredita que, na atualidade, os ritmos temporais “foram subjugados pela sociedade industrial, que dobrou o tempo a seu ritmo, ‘racionalizando’ as horas de vida” (p. 53). É

um “tempo da mercadoria” que comprime os momentos da convivência humana nas dimensões afetiva, familiar e religiosa, assegura a autora.

Iniciamos a apresentação dos registros fotográficos pelas imagens da praça central e das árvores da localidade estudada. Essas imagens abrem possibilidades de diálogo com o cotidiano. Não sabemos ao certo se a preferência dos alunos por essas fotos ocorreu por ser a praça um dos pontos de encontro da população ou por serem as árvores características marcantes da localidade. No primeiro plano das fotografias, vemos árvores frondosas, enquanto os outros elementos da praça ficam sempre em segundo plano. Mesmo considerada como um local de encontro das pessoas, o foco das fotografias indica que há uma intenção de registrar a natureza, uma vez que as pessoas ou outros elementos próprios da vida humana nem sempre foram fotografados.



Podemos ver nessa foto grandes árvores que através da fotossíntese purificam todo o ar da comunidade.

(Foto e legenda aluno Al 08)



Essa é uma pequena amostra do ecossistema presente no distrito. Podemos ver que a foto mostra desde plantas pequenas como a grama até árvores grandes como o coqueiro.

(Foto e legenda aluno Al 08)

As árvores e as outras plantas são apresentadas pelos alunos por sua importância para a comunidade e para o meio ambiente, uma vez que, nas legendas, são mencionados alguns processos químicos que ocorrem na natureza e normalmente são ensinados na escola. Nesse sentido, as legendas das imagens se delimitam na ótica do conhecimento escolar. Barioni e Amorim, em pesquisa realizada em um bosque da cidade de Campinas-SP, questionaram as práticas de educação ambiental que valorizam o ambiente natural, enfatizando até que ponto esse é um ambiente natural, de natureza intocada, “vívda como ausência do humano” (2009, p. 191).

Quando os alunos representam o meio ambiente, utilizando-se de imagens fotográficas associadas aos conceitos escolares, concordamos com os autores mencionados que ocorre uma perda evidente da plura-

lidade cultural. Nesse contexto, os espaços semelhantes aos parques e bosques tornam-se um espaço de conhecimento, ciência e aprendizado. “Já não se pode visitá-lo apenas a passeio. Ao sair de lá, é preciso ter aprendido algo” (*idem*, p. 180). Em muitos projetos de educação ambiental, por exemplo, ou em locais considerados naturalizados, os participantes e/ou visitantes são “obrigados a um aprendizado”, a partir de uma proposta “biologizante” que desconsidera qualquer outra informação, mesmo os dados históricos sobre o local (BARIONI; AMORIM, 2009, p. 183). Sendo assim, é perceptível a mediação da escola no olhar das crianças sobre o mundo.

Se caracterizarmos a natureza circunscrita basicamente em parâmetros escolares, dificilmente reconheceremos no meio ambiente as relações que o homem estabelece com os elementos naturais, conforme suas vivências culturais. Dessa forma, as questões ambientais fixam âncora em debates sobre a sustentabilidade, reciclagem ou catástrofes climáticas, temáticas normalmente discutidas no ambiente escolar, mas podem não abranger discussões sobre o consumismo exagerado ou o crescimento desenfreado do planeta, ou questões que abrangem o “medo ecológico”⁵.

O que se destaca na pesquisa que apresentamos é o fato de que os alunos estavam livres para fotografar o que desejassem e depois elaborar as legendas. No entanto, eles se concentram, de maneira considerável, em uma representação conceitual de meio ambiente. A pesquisa não aponta que fazer tal registro dentro dos limites do que é ensinado na escola seja errado. No entanto, destacamos as concepções de meio ambiente associadas apenas à biologia como disciplina escolar, negando o aspecto cultural e histórico do local. Essa preocupação se acentua uma vez que na legenda de várias fotos os alunos expressam um conhecimento biológico.

Wunder, em sua tese, elucida que, mesmo sob “forte influência do saber científico” (2008, p.38), é necessário buscar alternativas de desenvolvimento compatíveis às necessidades e à cultura da localidade na qual a pesquisa está inserida. Parafrazeando a autora, deparamo-nos com as indagações da pesquisa que suscitou este texto, tais como: como a ideia de meio ambiente pode ligar-se às questões culturais? Ou seja, de que maneira os autores dessas fotos percebem a relação entre natureza e cultura? Será que os alunos, ao retratarem a compreensão sobre meio ambiente, o fazem mostrando o distrito, as pessoas e suas tradições?

5 No livro *Equívoco Ecológico*, os autores ao se referirem às Catástrofes ecológicas abordam o termo “medo ecológico”.

Em resposta a esses questionamentos, as imagens registradas refletem a cultura daquela comunidade. Fato este identificado ao observarmos que as fotografias e legendas não apenas registram um pouco da “natureza” presente no distrito, mas exibem um meio ambiente de flores delicadas e coloridas, de ruas largas e asfaltadas, com pouco movimento de veículos mas com extensas faixas de sombra devido às árvores nas calçadas das casas, de pedaços de terra nua ou ainda de muro de tijolos não rebocados com cimento, de lugares que parecem tão calmos e por vezes distantes do tempo real.

A pesquisa indica em um primeiro olhar que é rara a presença de seres humanos nas fotografias. Isso porque nas poucas imagens em que aparecem pessoas, destaca-se o registro de um senhor que está sentado na frente de uma casa, permitindo pensar, utopicamente, que ele se deixa levar por seus pensamentos ou está à espera de um acontecimento trazido nas palavras de quem passa pela rua... É como se a vida por lá seguisse tranquilamente. A calma do local pode ser associada à característica típica de pequenas regiões afastadas dos centros urbanos; entretanto, autores como Mauro Guimarães (1995) criticam a relação que vincula o meio urbano a uma condição de natureza degradada e, ao contrário, a zona rural a uma natureza menos alterada.

No exercício de ver e rever as fotografias apresentadas na pesquisa, percebemos, contudo, que nem sempre são registradas as pessoas, mas que as imagens denotam a presença humana no distrito, ao rasgarem a paisagem silenciosa do local. Assim sendo, compreendemos que o ser humano foi de certa forma registrado não como pessoa real, mas por suas marcas presentes na propaganda de um comércio, nas placas indicativas de regras de boa convivência ou de localização e ainda nos fios de transmissão de energia elétrica. Aliás, esses não são apenas aspectos da presença humana, mas, sobretudo, indicam que a população está posicionada na contemporaneidade, por justamente usufruir de algo tão moderno como a eletricidade e a comunicação telefônica. Nesse caminhar de apreciação das fotografias nos é possível a demarcação do uso das imagens como dispositivo.

Ao nos debruçarmos sobre essas fotos, compreendemos o que Salgado nos apresenta em relação ao fato de a “interpretação dos problemas ambientais” ser diferente para cada pessoa, “processada através de representações e também de seus conhecimentos que podem vir permeados por outras formas de saberes como o saber étnico e o saber popular” (2011, p.49). Talvez as imagens que trazem aspectos ligados à degradação ambiental apareceram em menor número, pois os alunos quiseram registrar as belezas do local e uma relação mais harmoniosa com o meio ambiente. Isso porque a ideia de meio ambiente está inti-

mamente conectada ao que é belo e encanta. No entanto, nas imagens que registram a degradação ambiental, parecem querer mostrar o desca-so de algumas pessoas com o espaço público, condição essa registrada no acúmulo de lixo e entulho no passeio.

Gonçalves (1989, p. 23) afirma que toda sociedade, toda cultura cria, inventa e estabelece uma determinada ideia sobre a natureza. No entanto, a relação de diferentes grupos sociais com o mundo natural é diversificada, uma vez que o ambiente está em contínuo processo de transformação. Pesquisadores apontam que o conceito de natureza, é diferente de natural. Ou seja, afirmar que meio ambiente é sinônimo de natureza excluindo o ser humano não é uma das melhores opções ao propormos ou discutirmos práticas de educação ambiental. Corroboramos com Meyer (2008, p. 72) quando ela afirma que “não existe uma única natureza, natural, intocada; a natureza continuamente vem se construindo pela inserção do elemento humano como parte do mundo natural e como produtor de cultura”.

De acordo com Salgado (2011), compreender o meio ambiente como sendo a própria natureza não é apenas uma questão de consciência individual. Para a autora, é preciso lembrar que as escolhas e entendimentos pessoais exprimem as práticas sociais compartilhadas em determinados momentos históricos. Ao retirarmos o homem da compreensão do significado de meio ambiente, incidiremos no erro de conferir o predomínio humano sobre os recursos naturais. Mas se, pelo contrário, o ser humano for compreendido como um dos elementos integrantes da natureza, apesar das diferenças entre os seres, não será mais concebida a posição de superioridade à espécie humana.

Nesse parâmetro, Meyer considera a natureza como um sujeito. Ou seja, estabelece-se outra relação sociocultural, fundamentada na igualdade, em que o ser humano intervém socialmente no ambiente e “principalmente, tece novas formas de apropriação dos ‘recursos naturais’, onde a economia e a ecologia se alinham na procura de outros estilos de consumo e [...] modos de vida” (2008, p. 100). Formas que não apenas naturalizem um lugar pela abundância de fauna e flora, mas que considerem também os aspectos culturais ali presentes.

Procuramos também olhar as fotografias produzidas abordando os enquadramentos que os estudantes buscaram. Uma das imagens apresentadas na pesquisa mostra o detalhe em detrimento da imagem panorâmica – revelando o contexto no qual a imagem foi realizada. Essa preocupação em captar o contexto fica evidente nas imagens escolhidas pelos alunos, pois, quando aproximam a lente da câmara da delicadeza das flores ou dos frutos, é como se quisessem que, ao olhar, pudessemos ser inebriados por seus perfumes. Este fato evoca-nos o

sentido estético da fotografia, além das narrativas imagéticas reveladas na escrita deste texto. Com as fotografias, construiu-se na pesquisa um texto sem palavras, porém abundante em detalhes, com o qual nos deparamos na iminência de ler e reler, ou seria ver e rever?

Segundo Wunder e Dias, a estética da fotografia não consiste apenas em “estar ou não de acordo com o que se vê e fotografa, mas em que subsiste em uma certa forma de lidar com o sentido e com a linguagem, na busca de um dizer/ pensar que se aproxime do imprevisível” (2010, p. 173). As autoras apostam na desvinculação da fotografia da função de representar para que se faça “proliferar a vida e o pensamento em meio à demolição das estruturas, afirmando a abertura, a indeterminação, a impossibilidade de totalizações e substancializações.” (p. 159).



No trabalho de análise das fotografias de artistas brasileiros, Wunder e Dias (2010) afirmam que “o fotógrafo é o manipulador: o que provoca alterações, o que mistura coisas, o que adultera, torna falso” (p. 164). Complementando a ideia de manipular a imagem, a pesquisa apresenta para a discussão o pensamento de Barthes, ao questionar: “[...] a quem pertence a foto? ao sujeito (fotografado)? ao fotógrafo? A própria paisagem não passa de uma espécie de empréstimo feito junto ao proprietário do terreno?” (1984, p. 26).

Se a foto pertencesse apenas ao fotógrafo, não teríamos a possibilidade e nem talvez a permissão para apresentarmos a primeira imagem mostrando a árvore, tampouco para focalizarmos nos detalhes, como fizemos na última imagem desse agrupamento. No entanto, a propósito do detalhe, na apresentação das imagens que compõem o trabalho final da pesquisa, com o uso de recursos gráficos para bem compreendermos, os detalhes tornam-se grandiosos na foto, permitindo que outros significados fluíssem.

Prosseguindo nessa ótica, a imagem a seguir revela, além do detalhe capturado, o contraste. Um cachorro dorme na frente de um caminhão. O que será que o autor da imagem quis mostrar com essa cena? Barthes escreve que a fotografia “repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (1984, p. 13).



(Foto registrada por um dos alunos.)

O aluno-fotógrafo percebe e quis registrar o distrito em sua aparente calma, própria de muitas comunidades afastadas geograficamente dos grandes centros? Ou o contraste entre a calma e o caminhão que, mesmo imóvel, representa o barulho, o trânsito, o comércio que existe no local? Já o motivo da escolha da foto para compor a escrita da pesquisa marca o diferente, o detalhe e o contraste tanto para o fotógrafo quanto para o olhar do pesquisador, quanto, ainda, para o olhar do leitor.

Na pesquisa, percebemos certo consenso, por parte dos alunos, em retratar o meio ambiente, o que não impediu dezenas de fotografias registrando diversos espaços e elementos presentes na localidade, especialmente quanto a sua utilidade e importância para o meio ambiente. Por mais que tenham sido apresentadas várias fotos, ainda nos causa surpresa a maneira como os alunos percebem o local onde vivem. As casas, a igreja, o cachorro dormindo, o senhor sentado em frente à casa podem representar a cultura do local?

No trabalho de pesquisa, não há respostas para tal pergunta, mas a foto a seguir representa para nós o contraste existente na maneira como esses sujeitos de pesquisa percebem o meio ambiente. Utilizamos das palavras de Guimarães: “nem toda interrupção é potente para produzir pensamentos sobre o lugar em que se vive, sobre o que faço de mim mesmo nos lugares onde estou vivendo” (2010, p.75).

Quanto à saída fotográfica, além de propiciar o contato e o aprofundamento dos alunos com os recursos midiáticos e aproximá-los do local onde moram, também foi possível apresentar-lhes outro conhecimento sobre o meio ambiente, diferente do conceito que é trabalhado na escola ou divulgado na mídia. Contudo, não foi possível, afirmarmos se as discussões sobre



(Foto registrada pelo aluno Al 01)

as fotografias e suas respectivas legendas fizeram com que os alunos mudassem de opinião quanto à compreensão de meio ambiente, até

mesmo porque essa não era a intenção da pesquisa. As palavras de Salgado justificam a ideia de que não temos “propriedade de mostrar para as outras pessoas como é o lugar em que eles vivem” (2011, p.84).

Nesse sentido, reportamo-nos às palavras de Wortmann sobre a necessidade de focalizar melhor a dimensão explicativa do conceito de hibridação, pela consideração das “ideias de movimento, de trânsito e de provisoriedade de hibridação que devem ser associadas a esse conceito quando o entendemos como um processo” (2010, p. 29). A autora coloca o “conceito de hibridação sob rasura” ao estendê-lo para o conceito de identidade, segundo Stuart Hall (2000). Ela afirma ser possível que a hibridação, quando tomada como um processo que serve para explicar uma variada gama de encontros interculturais, não possa ser pensada exclusivamente em seu significado antigo, de conotações biológicas. (WORTMANN, 2010, p. 30).

Portanto, a educação ambiental proposta na pesquisa fundamentou-se em outro olhar, em uma outra discussão que foge dos apontamentos do que é certo ou errado, para se embrenhar em diversas possibilidades de descobrir como as pessoas que habitam a comunidade se relacionam com a natureza. Com a linguagem midiática, representada pela câmera fotográfica, recorremos a Guimarães (2009), para assegurarmos que os artefatos midiáticos arquitetam os dispositivos necessários para se discutir a relação entre natureza e cultura, expressa nas formas como os sujeitos “enxergam” o local onde vivem.

Referências

ALPHANDÉRY, Pierre; BITOUN, Pierre; DUPONT, Yves. **O Equívoco Ecológico** – riscos políticos. Tradução de Lúcia Jahn. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

BARIONI, Eugênia Carolina; AMORIM, Antônio Carlos Rodrigues de. O que pode ser tão natural? In: SELLES, Sandra Escovedo et al. (Org.). **Ensino de Biologia**: histórias, saberes e práticas formativas. Uberlândia: EDUFU, 2009.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOSI, Ecléia. **O tempo vivo da memória**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. 3. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2008.

- CERTAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FAVERO, Franciele. **Fotografias urbanas**: encontro com o ambiente. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- GARCIA, Alexandra. Imagens: ilusão, alusão, provocação, inspiração... são... In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda; BARRETO, Raquel Goulart. **Pesquisa em Educação**: métodos, temas e linguagens. Rio de Janeiro: Dp&a, 2005. p.39-50.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1989.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso. O que eu poderia ser se fosse para outro lugar? In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; KRELLING, Aline Gevaerd; BARCELOS, Valdo. **Tecendo**: educação ambiental na arena cultural. Petrópolis, RJ: Dp&a, 2010. p.75- 81.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A invenção de dispositivos pedagógicos indagativos sobre o ambiente. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL PARA PESQUISA INTERCULTURAL (12). **Anais**. Florianópolis, 2009. v. 1, p.01-13.
- GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. 8. ed. Campinas- SP: Papiros, 1995.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KRELLING, Aline Gevaerd. Entre encontros e fábulações: outras possibilidades de experienciar o mundo. In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; KRELLING, Aline Gevaerd; BARCELOS, Valdo. **Tecendo**: educação ambiental na arena cultural. Petrópolis, RJ: Dp&a, 2010. p.106- 114.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MEYER, Mônica. **Ser-tão natureza**: a natureza em Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- MOMO, Mariângela. Mídia e Consumo na produção da infância pós-moderna. **Revista de Estudos Universitários**: Pós-modernismo, Sorocaba, Uniso, v.36, n.1, p.67-87 jun. 2010.
- PREVE, Ana Maria Hoepers et al. (Orgs.) **Ecologias Inventivas**: conversas sobre educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.
- SALGADO, Gabriele Nigra. **Educação Ambiental e Foto-dispositivo**: outras imagens do sertão do Peri. 2011, 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Encontros interculturais, hibridações e pós-modernidade. **Revista de Estudos Universitários: Pós-modernismo**, Sorocaba, Uniso, v.36, n.1, p.67-87, jun. 2010.

WUNDER, Alik; DIAS, Susana. Deslizes pelas superfícies do acontecimento fotográfico. **Revista de Estudos Universitários: Pós-modernismo**, Sorocaba, Uniso, v.36, n.1, p.157-174, jun. 2010.

WUNDER, Alik. **Foto quase grafias, o acontecimento por fotografias de escolas**. 2008.127 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.